

ENTREVISTA ESPECIAL EM COMEMORAÇÃO AOS 30 ANOS DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UNITINS

Andreia Fernandes¹

Os Caminhos da Pesquisa: Saiba como a iniciação científica transformou a trajetória acadêmica de Layane Araújo Dias Vítor



Layane é Graduada em Engenharia Agrônômica pela Universidade Estadual do Tocantins (2015) e mestre (2018) em Agroenergia pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Atualmente é Tutora presencial no curso de Tecnologia e Gestão do Agronegócio pelo projeto TO Graduado da Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS.

¹Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins - UFT (2019), aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade – PPGCOM da Universidade Federal do Tocantins – UFT, pós-graduanda em Estratégias da Comunicação Organizacional - Universidade de Uberaba (Uniupe). Atualmente é responsável pelo atendimento de demandas gráficas e de imprensa na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).

Engenheira Agrônoma formada pela Unitins, mestre em Agroenergia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Atuou fortemente com a agricultura familiar durante os projetos do programa de iniciação científica pelo programa PIBIC - CNPq, durante 4 anos com a cultura da mandioca. Atualmente é assistente de Pesquisa na Corteva Sciences e tutora presencial no TO Graduado no curso de Tecnologia em Gestão do Agronegócio.

ANDRÉIA: Olá! Layane, tudo bem? Vamos começar mais uma entrevista desta edição especial da Revista Agries. É um prazer conversar com você e apresentar aos nossos leitores um pouco da sua trajetória. Para iniciar, conta para a gente um pouco de como você decidiu cursar Engenharia Agrônômica e como foi a o início da sua trajetória como aluna de iniciação científica.

LAYANE: Olá! Primeiramente gostaria de agradecer a oportunidade de contar um pouco da minha história. Decidi entrar no curso de Agronomia, primeiramente porque foi uma das áreas que eu tive mais afinidade pela descrição do curso e pela área de atuação. Entrei na primeira turma de Agronomia da Unitins, em 2010, e a partir do segundo ano, acho que no terceiro semestre, se não me engano, uma professora fez menção às bolsas de pesquisa do CNPQ e estava à procura de um aluno que pudesse trabalhar com ela na pesquisa. Então eu me candidatei, passei por todo um processo para conseguir a aprovação no edital. Então iniciei toda a parte teórica de orientação científica, de embasamento teórico do trabalho e a parte da prática, de colocar a mão na massa, correr atrás. Trabalhei quatro anos seguidos com iniciação científica, com a cultura da mandioca. Desde o preparo do solo até a colheita e a pós colheita - preparo do solo, tratos culturais e o plantio em si.

ANDRÉIA: E você já gostava dessa área ou foi tudo uma descoberta para você?

LAYANE: Não, foi tudo... tudo foi novo para mim, tanto a área de pesquisa, quanto trabalhar com a cultura da mandioca, mas foi fundamental porque teve um papel muito significativo porque eu, a partir daí, começar a ter contato com a cultura, e não só com a mandioca, porque a gente também ajudava outros colegas na faculdade, com outros projetos de PIBIC que, às vezes, precisavam de mão de obra, com isso acabei trabalhando também com a soja, com arroz, com girassol, e se não me engano, agroecologia.

ANDRÉIA: Então vocês conseguiram fazer interdisciplinaridades nos projetos?

LAYANE: Isso! Na parte prática, principalmente, que precisava de mão-de-obra, de ajuda no plantio, na colheita e eu sempre estava lá à disposição, participando, né, para tentar contribuir, absorver mais conhecimento também.

ANDRÉIA: E a bolsa do projeto, te ajudou durante a graduação?

LAYANE: Ajudou muito. Como eu não trabalhava, não atuava na área, a bolsa auxiliava. E você já adquiria um conhecimento a mais: de pesquisa, conhecimento das culturas. Enquanto a gente não podia atuar na área, ou seja, trabalhando, estagiando. Então a pesquisa, as bolsas, pelo menos para mim, incentivavam bastante.

E depois de ser bolsista por 4 anos, eu terminei o curso em agosto de 2015, aí fui tentar o mercado de trabalho. Mas não consegui a princípio, mas não desisti.

ANDRÉIA: E como você buscou novas oportunidades?

LAYANE: Na época, surgiu um incentivo para fazer o mestrado, em Agroenergia na UFT e eu fui. Participei do processo seletivo, através da minha orientadora na graduação, essa do PIBIC com quem trabalhei por quatro anos. Ela me indicou para outro professor na UFT, chamado Erich Collicchio, que se tornou meu orientador no mestrado e, em parceria também com o Gustavo Azevedo da Embrapa, que também trabalha com a cultura da mandioca. Então, continuei trabalhando com essa cultura, só que o mestrado foi voltado para a produção de etanol.

Depois do mestrado, eu fui trabalhar em uma faculdade, não muito na área. Era para trabalhar no laboratório, em plena pandemia. Um tempo depois me falaram: “olha, a Corteva tá contratando mesmo na pandemia”, eles precisavam de mão de obra, aí eu enviei meu currículo e fiz a entrevista. Mesmo não tendo experiência, eu vi a oportunidade na empresa de atuar e foi aí que eu comecei a atuar no mercado de trabalho e com pesquisa. Já estou há 4 anos na empresa e hoje trabalho com melhoramento de soja, e eu atuo em outro setor que se chama Inventário. A gente recebe os materiais, licitações ou daqui mesmo, inventaria e armazena em câmara frias.

ANDRÉIA: Agora você é tutora do projeto TO Graduado, né? Como você ficou sabendo do projeto e como está aproveitando a oportunidade?

LAYANE: O TO Graduado, eu conheci por indicação de um colega de faculdade, o Adriano Sérgio que hoje é coordenador do curso de Tecnologia em Gestão do Agronegócio no Câmpus Paraíso. E assim eu soube da oportunidade e hoje posso seguir também na carreira acadêmica

ANDRÉIA: Layane, muito bom saber da sua trajetória. Agora gostaria que você deixasse uma mensagem final para todos os nossos leitores.

LAYANE: Quero agradecer novamente a oportunidade e falar que a universidade abre portas e nos dá muitas oportunidades. Aproveitem ao máximo, se engajem e não desistam na primeira dificuldade.